

Brasil, um país tropical
O clima na construção da identidade nacional brasileira (1839-1889)*

Luis Fernando Tosta Barbato

Resumo: O trabalho que se pretende realizar tem por objetivo compreender o papel do clima na construção da identidade nacional brasileira, tendo por fontes principais as Revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – o IHGB -, no período correspondente entre a fundação da revista do instituto – em 1839 – e o fim do Segundo Reinado – em 1889. Através de tal estudo, buscarei entender como os intelectuais brasileiros desse período, preocupados em criar um sentimento nacional em um Brasil, a princípio, carente de laços de união e à beira do colapso territorial, utilizaram o clima tropical para tal finalidade. Além de compreender as dificuldades de se aplicar a então noção de civilização a um país detentor de um clima considerado hostil e insalubre, muito diferente do temperado que possuía a Europa, o continente modelo para nossos “construtores da nação”.

Palavras-Chave: Clima - Identidade Nacional - IHGB

Abstract: In this article, we examine the role of the Brazilian climate in the construction of the Brazilian national identity. For this purpose, we use the articles published in the Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro's magazines between the year of its first edition - 1939 - and the end of the second Brazilian Empire - 1889. Through this study, I analyse how the tropical climate was used by Brazilian intellectuals in the task of creating symbols for a young country in process of territorial fragmentation. In addition, we investigate the difficulties of applying the concept of civilization to a country whose climate was considered hostile and unhealthy, very different than the temperate climate of Europe, the continent model for our "nation builders".

Keywords: Climate - National Identity - IHGB

Moro...
Num país tropical,
Abençoado por Deus
E bonito por natureza (Mas que beleza!)
(País Tropical – Jorge Benjor)

O clima tropical é uma das características mais marcantes do nosso país, e, como podemos observar no trecho da canção acima, a imagem que hoje temos dele é bastante positiva. No entanto, nem sempre esse elemento natural causou essa mesma impressão, uma

* Projeto de Mestrado desenvolvido junto ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp. Sob orientação do Prof. Dr. Edgar Salvadori De Decca. A pesquisa conta com o financiamento da FAPESP.

vez que, até inícios do século XX, ser um país de clima tropical implicava uma série de características nem sempre alentadoras.

E em meio a essa questão, buscaremos saber como nosso clima se tornou um dos principais elementos de identificação da nação brasileira e qual a trajetória traçada para chegar a tal condição. Além de buscar entender o processo que o levou de verdadeiro entrave ao progresso brasileiro à marca da identidade e orgulho nacionais.

Vale ressaltar que trata-se o presente artigo de explanações ainda inconclusas a respeito de um projeto de mestrado, que visa estudar o papel do clima brasileiro na constituição da identidade nacional do país. Para tal projeto, demarcamos como recorte temporal o período de que vai de 1839 a 1889, e como fonte documental principal, as Revistas do Instituto Histórico e Geográfico brasileiro publicadas no período escolhido. Sobre essas escolhas, as justificativas aparecerão no decorrer do artigo.

No entanto, antes de iniciarmos uma introdução ao tema, duas questões fundamentais nos são apresentadas: 1) É válido que utilizemos, em épocas tão distantes e distintas entre si, o conceito *clima* da mesma forma que ele se mostra nos dias atuais? 2) Podemos fazer uma análise específica do clima, tratando-o como elemento isolado do mundo natural?

Acreditamos que a resposta para a primeira indagação seja uma negativa, afinal, sabemos que a semântica das palavras não é algo fixo, mas sim sujeito às frequentes mudanças que se operam em nossa sociedade. E na pesquisa, permaneceremos sempre atentos a isso, buscando conhecer toda a simbologia existente por trás desse termo e de outros referentes à pesquisa.

Quanto à segunda questão proposta, gostaria de salientar que a partir dela traçamos um dos eixos centrais dessa pesquisa, que visa justamente chegar a conclusões a respeito dessa indagação, o que, portanto, nos força a dizer que no momento não contamos com uma resposta satisfatória para tal. Podemos afirmar que desde os primórdios da Humanidade, o homem se atém aos sinais do tempo. No entanto, o clima encarado como objeto de ciência só começa a aparecer no pensamento social nos séculos XVII e XVIII, de maneira ainda rudimentar. É só no século XIX que as ciências que estudam o clima – a climatologia e a meteorologia – se firmam na sociedade¹.

¹ FERRAZ, J. Sampaio. “A meteorologia no Brasil”. In AZEVEDO, Fernando de(org.). *As Ciências no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994. pp. 233-251. Mais referências sobre esse tema podem ser encontradas em: AB´SABER, Aziz Nacib. “A climatologia e a meteorologia no Brasil” In FERRI, Mário Guimarães & MOTOYAMA, Shozo (orgs.). *História das ciências no Brasil*. V. 2. São Paulo: EDUSP, 1979; SANT´ANNA NETO, João Lima. “História da climatologia no Brasil: Gênese e Paradigmas do clima como fenômeno geográfico”, in *Cadernos Geográficos/Universidade Federal de Santa Catarina*. Nº 1. Florianópolis: Imprensa Universitária, 1999.

Portanto, nesse primeiro momento, buscaremos referências ao clima nos relatos que versam sobre o mundo natural brasileiro como um todo, relegando a ele o *status* de elemento constituinte da natureza. Mas, mais uma vez, vale frisar que a pesquisa busca, *a priori*, respostas sobre a tarefa de trabalhar nosso objeto de estudo em sua especificidade, isolado do meio ambiente, do qual é parte constituinte. Caso tal metodologia se mostre pertinente, será adotada no decorrer do trabalho.

Feitas essas considerações, cabe nos atermos às justificativas que explicam os porquês das escolhas do trabalho, no entanto, é importante que antes façamos uma breve introdução ao tema, que mostre como o mundo natural brasileiro, do qual é parte inerente o clima tropical, tomou as primeiras feições de representante da identidade nacional brasileira.

Podemos ressaltar que com a ruptura política do Brasil em relação à sua metrópole portuguesa, em 1822, a fonte original de legitimação para os antigos domínios lusitanos na América foi de uma só vez suprimida. A partir desse momento, até meados do século XIX, o Brasil viveu um período de grave crise política, marcado principalmente pelas rebeliões de cunho separatista, que evidenciaram o grande perigo de fragmentação territorial que o país se encontrava.

Havia a saída militar para conter tal crise, no entanto, essa não era a maneira mais efetiva e nem sempre seus resultados eram os esperados – a perda da Província da Cisplatina para separatistas uruguaios, em 1828, ainda estava muito viva na memória dos dirigentes do Estado. Por isso buscou-se uma outra forma de assegurar a unidade do país: a construção de uma identidade nacional brasileira².

O texto de José Carlos Reis retrata este período. Segundo ele, o Brasil estava fragilizado em diversos sentidos e necessitava de uma História que falasse das virtudes da jovem nação, que proporcionasse orgulho ao seu povo, e assim lhes desse confiança em relação ao seu futuro. Nesse momento, o Brasil não necessitava de algo que ressaltasse suas tensões e que mostrasse as debilidades do jovem país.³ Precisava-se com urgência construir uma identidade nacional brasileira. Mas essa identidade seria baseada em quais elementos?

Segundo Renato Ortiz, “toda identidade se define em relação a algo que lhe é exterior, ela é uma diferença”. Ou seja, era preciso que essa identidade fosse calcada em elementos

² PAZ, Francisco de Moraes. *Na poética da História: a revitalização da Utopia Nacional Oitocentista*. Curitiba: UFPR, 1996. pp. 224-225.

³ REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varhagen a FHC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. pp. 25-28

próprios do Brasil, para mostrar que se tratava de uma nação realmente independente e singular, pronta para participar do “mundo civilizado”⁴.

Vale ressaltar que, nessa época, a Europa era a referência no que se tratava de modelo civilizacional. E se o Brasil procurava galgar um lugar entre as “nações civilizadas”, era dos países desse continente e seus descendentes do norte – em especial os EUA - que precisava se aproximar.

No entanto, para realmente conseguir um lugar entre as reconhecidas “grandes nações do globo”, não bastava apenas o Brasil apresentar-se como uma cópia da Europa, necessitava também mostrar que se tratava de uma nação original, detentora de elementos próprios que o caracterizavam, mas sem se distanciar do padrão europeu⁵.

Nesse contexto, a natureza serve como enfoque para a construção de uma cultura marcadamente nacional, pois se tratava de um elemento tido como originalmente brasileiro, já que nenhum outro país era considerado detentor de tamanha exuberância e variedade natural como o Brasil. Segundo Paz, restava somente, então, configurar o caráter singular da natureza tropical como marca do valor nacional, e através do discurso histórico, transformar “tal tropicalidade como verdadeiro alimento do espírito de nacionalidade”. Para o autor é o “entendimento da natureza como elemento definidor da unidade natural da Pátria, diante da falta de uma unidade cultural”⁶.

Desta maneira, intelectuais, políticos e outros homens preocupados com os futuros da nação, engajaram-se em um movimento que utilizou a natureza como ponto de união nacional. Afinal, todo o país era detentor de uma natureza bela, diversificada e exuberante, capaz de proporcionar orgulho a um país jovem e à beira do colapso político, como era o caso do Brasil na época.

No entanto, vale ressaltar, que a natureza não ocupou sozinha o posto de elemento original e singular do Brasil. O homem brasileiro, representado principalmente pelos indígenas e mestiços, também ocupa lugar central nesse contexto.

No ano de 1840, o IHGB lança um concurso para premiar o trabalho que melhor elaborasse um plano para se escrever a história do Brasil. O vencedor do concurso foi o cientista alemão, ocupado de assuntos brasileiros, Karl Friedrich von Martius.

⁴ ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006. pp. 7-8

⁵ Nesse sentido, a frase de Paz nos é bastante esclarecedora sobre o intuito brasileiro: “Das singularidades do meio e da natureza emerge uma Europa diferente chamada Brasil”. PAZ, Francisco de Moraes. *Op. Cit.* p. 253

⁶ *Idem*, p. 236

Em sua monografia⁷, Martius confere ao Brasil um papel bastante singular enquanto nação: realizar a idéia da mestiçagem das três raças, lançando os alicerces para a construção do mito da democracia racial⁸. Dentro deste contexto racial, o Brasil encontrava-se em uma situação *sui generis* no mundo: era palco da miscigenação entre as três raças. Cabia então ao Brasil o papel de aperfeiçoar estas – através do branqueamento de sua população – para o desenvolvimento da nação.

Estavam então determinados os elementos que definiriam a identidade nacional brasileira: sua natureza e sua gente. Também já se sabia o modelo civilizacional que o Brasil deveria seguir e o modo como ele se destacaria entre essas nações.

No entanto, de todo esse movimento que elevou o mundo natural brasileiro à condição de elemento definidor do Brasil, várias indagações podem ser levantadas. Se a natureza ocupou um papel crucial na construção da imagem nacional, qual é a importância do clima nesse processo?

Como intelectuais preocupados em aproximar o Brasil da cultura européia lidaram com as noções que denegriam o clima tropical, acusando-o de ser um entrave ao progresso? Uma vez que esse elemento era considerado como o responsável por diversas doenças que atormentavam os homens, além de gerar em seu seio pessoas indolentes, apáticas e lascivas.

Além disso, qual a importância das teorias raciais científicas, que penetraram no Brasil a partir de 1870⁹, no tratamento do clima tropical pelos intelectuais brasileiros do século XIX? Como esse debate sobre esse elemento natural se manteve com a chegada de tais teorias? Como o nosso clima foi tratado em um período no qual a conformação racial do Brasil representava o maior temor entre os pensadores da nação?

O que pretendo pesquisar no futuro trabalho é, portanto, entender como o clima tropical brasileiro foi tratado no momento em que se procurava uma identidade nacional para o país, em suas mais diversas instâncias, buscando o início do processo que o transformou de entrave à civilização a objeto de identificação e orgulho nacionais.

Essa questão do clima brasileiro aparece já no primeiro relato que temos a respeito do Brasil, a Carta de Pero Vaz de Caminha e continua através dos relatos de jesuítas e viajantes estrangeiros que passaram pelo Brasil, das notas das expedições científicas que percorreram o interior do país, das diversas obras literárias aqui produzidas, dos discursos de caráter

⁷ O título da monografia é “Como se deve escrever a história do Brasil” In RIHGB, T. 6, 1844.

⁸ GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. "Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional". In: *Estudos históricos*, nº 1, 1988. p. 17

⁹ SCHWARCZ, Lília Moritz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1993.

científico dos intelectuais brasileiros de finais do século XIX e início do XX, além de muitos outros tipos de documentos.

No entanto, se essa questão está presente em todo o período da história do Brasil, por que escolher justamente o século XIX como recorte temporal a ser pesquisado? Porque foi no século XIX que o Brasil se desgarrou de Portugal e ascendeu como país independente, e assim, foi o primeiro momento – principalmente nos anos logo subsequentes à independência - em que se pensou em uma identidade nacional própria para o país.

Além disso, o século XIX nos traz questões interessantes referentes à relação entre a identidade nacional brasileira e o nosso clima tropical. Pois nesse período encontramos um grande desenvolvimento das ciências no Brasil e no mundo. Além do que, ainda estavam bem vivas as teorias do século anterior, propagadas nos círculos ilustrados europeus, nas quais uma suposta inferioridade (ou debilidade, imaturidade) do meio-ambiente da América foi posta em evidência, sendo essa em muitos casos estendida à sua população¹⁰.

Dentro do século XIX, optei por delimitar, para pesquisa, as revistas publicadas no período compreendido entre os anos de 1839 – data da publicação do primeiro exemplar da revista – e 1889 – fim da monarquia brasileira. Entendemos que, deste modo, poderemos abarcar as primeiras reflexões sobre o clima contidas no IHGB, observando como essas se mantiveram até o fim do período imperial, passando, assim, por uma época na qual ocorreu um grande desenvolvimento científico no país.

Sobre as fontes, o século XIX nos oferece diversas opções que poderiam ser utilizadas nessa pesquisa. Podemos citar os relatos e as imagens sobre o Brasil produzidas por viajantes e artistas estrangeiros, as notas das expedições científicas, os dados meteorológicos coletados em diversas regiões do país, os estudos dos médicos sanitaristas, as obras literárias de cunho romântico ou naturalista, entre muitos outros.

Gostaríamos de justificar que optamos por utilizar como fonte principal para o trabalho as revistas do IHGB, pois se trata de um material bastante abrangente, uma vez que nesses periódicos há desde publicações de relatos de viajantes e de expedições militares e científicas até importantes artigos sobre questões tidas como fundamentais na época. O que leva à ocorrência de expressiva quantidade de documentos relacionados ao tema, permeando os artigos escritos sobre a história, geografia e etnologia tradicionalmente presentes na revista.

¹⁰ Cf. GERBI, Antonello. *O Novo Mundo – História de uma polêmica 1750 -1900*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

Também vale frisar que o IHGB foi escolhido graças à função ideológica que lhe cabia. Eram os intelectuais desse instituto, a maior parte com vínculos diretos com a Coroa, os responsáveis pela construção da identidade nacional brasileira. Além disso, a escolha dessa fonte se justifica devido, visto a importância desse grêmio perante outros centros de pesquisa e estudos da época – sendo, inclusive, seu modelo inspirador – e também devido ao seu caráter totalizador, visto que pretendia produzir uma história nacional para o Brasil, e criar assim uma identidade da nação, enquanto outros institutos do gênero tinham uma produção de caráter mais regionalista. Portanto, se o objetivo da pesquisa é entender o papel do clima em seu caráter conformador de identidade para o Brasil, os artigos do IHGB tornam-se uma fonte fundamental para o estudo.

No entanto, apesar de as publicações desse instituto apresentarem-se como as fontes principais para o estudo, gostaríamos de salientar que elas não serão as únicas. Outras obras que versam sobre (re)conhecimento da natureza brasílica também terão lugar privilegiado na pesquisa, pode aqui ser destacado o acervo de obras raras do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, que inclui entre suas diversas preciosidades a *Flora Brasiliensis*, de Karl Friedrich Philipp von Martius; *Elementos de Botânica Geral e Médica*, de Joaquim Monteiro Caminhoá, de 1877; além de uma série de periódicos ilustrados e outras obras que tratam do desenvolvimento das ciências naturais no Brasil.

Além disso, procuraremos privilegiar, dentre todas as fontes que relatamos como pertinentes ao estudo, os relatos de viajantes, uma vez que, como ressaltou Schiavinatto, esses homens em suas viagens “acabaram por construir uma ampla e variada interpretação do Brasil”, e como a grandeza, a exuberância e a diversidade da natureza brasílica eram um dos assuntos que mais despertavam sua admiração, essa acabou por tornar-se um de seus temas preferidos em seus relatos, e, assim, importantes referências ao clima brasileiro podem ser neles encontrados¹¹

Dentre a grande variedade desses homens que percorreram o Brasil, nos mais diversos períodos de sua História, poderíamos selecionar como fundamentais para a pesquisa os relatos da viagem de Spix e Martius, contidos na obra *Viagem pelo Brasil*¹², ou ainda a Viagem

¹¹ SCHIAVINATTO, Iara Lis. “Imagens do Brasil: Entre a natureza e a História” In JANCSÓ, Istvan. *Brasil: Formação do Estado e da Nação*. São Paulo: HUCITEC; Ed. Unijuí; Fapesp, 2003. p. 617

¹² MARTIUS, Carl. F. P. Von & SPIX, Johann Baptiste. *Viagem pelo Brasil*. Belo Horizonte/São Paulo: Edusp/Itatiaia, 3 vols, 1981.

Pitoresca e Histórica ao Brasil¹³, de Jean Baptiste Drevet ou ainda a Viagem Pitoresca através do Brasil¹⁴, de Rugendas. Viajantes que percorreram o Brasil no século XIX e que com certeza, seus relatos não passaram incólumes pelos “construtores da nação” brasileira.

Através da análise dessa documentação, poderemos entender como o clima contribuiu para a construção da chamada brasilidade, e quais foram as especificidades que os intelectuais brasileiros tiveram no tratamento desse tema.

Bibliografia

- AB´SABER, Aziz Nacib. “A climatologia e a meteorologia no Brasil” In FERRI, Mário Guimarães & MOTOYAMA, Shozo (orgs.). História das ciências no Brasil. V. 2. São Paulo: EDUSP, 1979
- DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. Belo Horizonte/São Paulo: Edusp/Itatiaia, 1978.
- FERRAZ, J. Sampaio. “A meteorologia no Brasil”. In AZEVEDO, Fernando de(org.). *As Ciências no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.
- GERBI, Antonello. *O Novo Mundo – História de uma polêmica 1750 -1900*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. "Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional". In: *Estudos históricos*, nº 1, 1988.
- MARTIUS, Carl. F. P. Von & SPIX, Johann Baptiste. *Viagem pelo Brasil*. Belo Horizonte/São Paulo: Edusp/Itatiaia, 3 vols, 1981.
- ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.
- PAZ, Francisco de Moraes. *Na poética da História: a revitalização da Utopia Nacional Oitocentista*. Curitiba: UFPR, 1996.
- REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varhagen a FHC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.
- RUGENDAS, Johann Moritz. *Viagem Pitoresca através do Brasil*. São Paulo: Martins, Edusp, 1972.
- SANT´ANNA NETO, João Lima. “História da climatologia no Brasil: Gênese e Paradigmas do clima como fenômeno geográfico”, in *Cadernos Geográficos/Universidade Federal de Santa Catarina*. Nº 1. Florianópolis: Imprensa Universitária, 1999.
- SCHIAVINATTO, Iara Lis. “Imagens do Brasil: Entre a natureza e a História” In JANCSÓ, Istvan. *Brasil: Formação do Estado e da Nação*. São Paulo: HUCITEC; Ed. Unijuí; Fapesp, 2003.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1993.

¹³ DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. Belo Horizonte/São Paulo: Edusp/Itatiaia, 1978.

¹⁴ RUGENDAS, Johann Moritz. *Viagem Pitoresca através do Brasil*. São Paulo: Martins, Edusp, 1972.